

# Encontro com uma pessoa internada numa unidade de cuidados paliativos: Narrativa Experiencial

Ricardo Jorge de Oliveira Ferreira \*



Este relato é a partilha de uma vivência resultante do encontro com uma pessoa internada num Centro de Oncologia<sup>(1)</sup>, e a forma como com ela foi estabelecida uma relação de ajuda. É uma proposta de reflexão pessoal, bem como um incentivo à partilha de vivências entre os prestadores de cuidados de saúde.

Inicia-se com a descrição dos sentimentos decorrentes do primeiro contacto, e do ambiente que o envolveu. São depois descritas algumas das preocupações, receios e desejos dessa pessoa doente, assim como as principais emoções vividas pelo autor.

São tecidas algumas considerações relativas à comunicação com a pessoa doente, à dor e à filosofia dos cuidados paliativos, sendo ainda abordado o efeito cuidativo do toque.

## Nota introdutória

Não sinto que expressar os meus sentimentos me seja, na generalidade das situações, muito difícil. Contudo, quando me faço reportar às vivências proporcionadas pelo contacto com pessoas com cancro, sinto-me geralmente algo temeroso em partilhar o que penso, sinto, pretendo, imagino e não conheço.

Procuro, ainda assim, fazê-lo frequentemente, em especial com os meus colegas – estudantes de enfermagem – porque entendo persistir ainda, a ideia de que cuidar de pessoas com cancro é difícil, é ingrato, é pesado, é, enfim, uma pequena lista de horrores que a muitos desses futuros enfermeiros

impede de pensarem nas coisas boas resultantes de cuidar destas pessoas.

Partindo, então, da interrogação: “*Que sentimentos partilhamos?*”, é de pessoas que irei falar, esperando conseguir transmitir o verdadeiro valor dos ensinamentos dessas pessoas que, expostas aos limites, ao corolário de suas vidas, se transcenderam e me mostraram – com peculiaridade – o que realmente deverá ser para nós, Seres em relação, o significativo da Vida.

## O primeiro contacto

Frequentava eu o 2º ano do Curso quando, em visita à Unidade de Cuidados Paliativos de um Centro de

\* Estudante do 4º Ano do I Curso de Licenciatura em Enfermagem da Escola Superior de Enfermagem Dr. Angelo da Fonseca.

<sup>(1)</sup> No âmbito da Unidade Curricular de Projecto de Desenvolvimento Pessoal, com assessoria pedagógica da Professora Fátima Lúcio.

Oncologia da zona centro do país, tive oportunidade de conhecer a D. Maria<sup>(1)</sup>, senhora de meia idade.

Até então, o meu contacto com pessoas doentes e com hospitais correspondia a pouco mais que nada.

Desse primeiro contacto recorde, ainda hoje, quase que em pleno sentir, um tremendo arrefecimento do corpo e o acelerar abrupto do coração, que ingovernavelmente começara a bater mais e mais e mais..., a boca seca, que apenas se abriu, segundo me lembro, para me apresentar e lhe dizer o que ali me trazia. De mais... oh! de mais só recorde o seu rosto afável com algumas rugas recônditas disfarçadas pelo seu cachecol pérola que acentuava a sua tez branca e grisalho cabelo à escovinha, bastante forte, e claro, aquele olhar distante, talvez preocupado...

A ternura do sorriso com que me recebeu no seu quarto (seu espaço exclusivo, onde um retrato do marido, uma Virgem Maria, e um terço em mármore eram os objectos – talvez mais que isso – que o adornavam e o personalizavam, de uma forma mais visível, dispostos em linha na cabeceira da cama) foi abruptamente interrompido, quando a Sr.<sup>a</sup> enfermeira a informou que havia terapêutica para lhe ser administrada.

A D. Maria tinha sido transferida para aquele serviço apenas na tarde anterior, e da forma negativa como reagiu à notícia da terapêutica – que, a propósito, era analgésica – pareceu-me evidente que vivia, de certa forma, uma fase de revolta, de descrédito por qualquer tipo de tratamento médico, particularmente pelo efeito dos medicamentos. “*Nada me tira estas malditas dores!*”, referiu, expressando-se em agonia.

A enfermeira, com empatia e acarinhando-a com palavras doces, pediu-lhe que confiasse nela, que compreendia o seu descrédito e podia imaginar o seu sofrimento, mas que neste serviço iria muito provavelmente ser diferente, porque ali ninguém se acomodava com a dor do próximo e usavam de todos os recursos actuais e disponíveis para a combater. Ainda que não completamente convencida, a D. Maria aceitou que lhe fosse administrado o medicamento.

Conversámos muito pouco neste dia. Quando pouco depois abandonei o quarto, não era tanto na fase terminal de vida que vivia a D. Maria, que eu

pensava, era mais na dor que evidenciava e que parecia ser um dos seus principais tormentos há longo tempo.

## O reencontro

No dia seguinte, dirigi-me de novo ao serviço. Quis estar um pouco mais com as pessoas que tinha conhecido, sentia como que uma inquietude, quase que uma obrigação moral de o fazer (por mais estranho que possa parecer).

Antes de abrir a porta de acesso ao serviço respirei fundo e entrei. Percorri o corredor comprido tão característico dos hospitais escutando unicamente o som provocado pela borracha dos meus sapatos no piso de linóleo; tudo o mais era silêncio... não vi ninguém, excepto alguns doentes, através dos espaços das portas entreabertas dos quartos. Foi assim que avistei a D. Maria. Parei um pouco antes de me aproximar, e, quando olhou para mim, apoiei-me na porta e perguntei-lhe se se lembrava de mim e se lhe podia fazer um pouco de companhia. Ela, com muita simpatia, disse que sim, que se lembrava de “um moço que lá tinham estado há alguns dias”, fazendo questão que entrasse e me sentasse a seu lado. Assim foi. Conversámos imenso e eu escutei-a, muitas vezes emocionado.

O seu discurso era coerente, apesar de as ideias se “atropelarem” um pouco. Manifestava também alguma falta de memória de curto prazo, que ela própria notava, o que a constrangia por breves momentos. A família talvez tenha sido o tema principal da nossa conversa! O orgulho que a D. Maria tinha dos seus dois filhos era lindo e profundamente emblemático. Perguntava algumas vezes se eu não os conhecia, dado que a sua filha estava empregada na minha zona de residência, ao que eu infelizmente respondi que não. Lembro particularmente o que disse a D. Maria a certo momento:

*“Se pudesse, dava até a vida para criar uma redoma de protecção para os meus filhos, para que nenhuma doença ou algum acidente lhes tirasse a saúde!”.*

<sup>(1)</sup> Nome fictício.

Achei curiosa a ideia da redoma de protecção, que gestualmente exprimiui através da união das mãos em concha, formando um cúpula (como quem apanha uma borboleta, sem a querer magoar), aproximando-as do peito, e deixando decair o rosto até as sentir.

Senti nesse momento uma redoma sobre mim próprio, formada em permanência pela minha mãe! Senti-me inviolável, repleto de energia!

Com esta senhora vivi, pela primeira vez, o sentir das minhas mãos sustidas pelas de uma pessoa doente. O efeito cuidativo do toque, de que tanto e tão expressivamente ouvira falar nas aulas, estava finalmente a ser por mim experienciado. E em verdade, não sei sobre quem foi maior o efeito deste acto amigo. Estava a viver pela primeira vez uma relação de ajuda...

Em apenas um dia, a D. Maria já manifestava uma completa ausência de dores (“A Sr.<sup>a</sup> Enf.<sup>a</sup> tinha razão.”). Sentia agora o incómodo por não se conseguir levantar nem andar, porque tinha como disse “um problema na perna”. Referiu-me também, e era evidente, uma dormência na face esquerda, assim como nos lábios; dormência essa que segundo o seu entendimento era devida ao TAC que realizara no dia anterior.

Por todo um conjunto de evidências que observei, a D. Maria não conhecia muito bem a sua efectiva condição de doença. Mostrava de certo modo alguma esperança em ficar boa e voltar a trabalhar na lavoura, actividade que desempenhou toda a vida com enorme prazer, da qual se mostrava saudosa, manifestando um orgulho próprio: “*Olhe que trabalhava tanto ou até mais que um homem!*”.

Por fim, chegou a altura da despedida, momento algo crítico que me fazia reflectir bastante. Para mim as despedidas a estes doentes eram – no início – um pouco complexas, não me sentia capaz de me despedir como habitualmente faço com outras pessoas doentes, como por exemplo: “Adeus, as melhores! Fique bem!”, inclusivamente, um simples “Até amanhã!” me fazia e faz alguma impressão, dado que não regressaria necessariamente no próximo dia àquele sítio, e porque sentia também que ao despedir-me dessa forma a pessoa poderia ficar aguardando o meu regresso... A opção era

então dizer qualquer coisa do género: “Foi muito bom e agradável falar consigo! Tudo de bom para si é, sinceramente, o meu desejo!”.

“*Saúde é o que lhe desejo menino. Saúde!*”, e um último e forte apertar das minhas mãos.

## Aprofundamento relacional

Na última visita que realizei, a D. Maria tinha a visão bastante diminuída; só via a uma distância de mais ou menos vinte centímetros, e mesmo assim muito mal, por isso não me reconheceu quando lhe falei da porta do quarto. Mas assim que lhe falei mais de perto lembrou-se de mim e pediu muito que me sentasse novamente junto dela.

Estava visivelmente abatida, sentia que a sua cara estava ainda mais “dormente” que na visita anterior, há dois dias, mas mantinha-se muito bonita. Agarrando-me a mão, falava fluentemente, apesar da dormência e desalinho dos lábios. O seu discurso já não era tão coerente. Não me foi difícil suspeitar da existência de uma metastização cerebral de um tumor, muito provavelmente da mama, já que não pude deixar de me aperceber da preocupação frequente que a D. Maria tinha em aconchegar com a sua roupa o peito, o que por sua vez, me fez reparar na assimetria do mesmo.

Neste dia, a conversa foi bastante mais triste, uma vez que a D. Maria trouxe à memória o seu pai, falecido há poucos anos nesta mesma instituição, de quem gostava muito e que era muito bom para ela, como fez questão de referir. Esta maldita doença parece que tem uma terrível predilecção por afectar várias pessoas numa mesma família, pensei eu irado.

A sensação que tinha de a D. Maria se estar a aperceber da sua fragilidade crescente, de que muito provavelmente estava a viver os seus últimos tempos de vida, e não tinha, como tanto desejava, junto a si os seus entes queridos, abalava-me em comoção.

Ainda que triste, emocionada e muito frágil, a D. Maria ia falando com frequência num tom médio de voz, até que ao fim de uns cerca de quarenta

minutos de conversa quase deixou de falar, deixou cair a cabeça no travesseiro e passou a responder apenas aos meus apelos, muito baixinho.

Perguntei então, o mais delicada e calmamente que consegui, segurando-lhe a mão, se não achava melhor eu chamar um enfermeiro, dado que achava que ela estava a ficar muito “fraquinha” em comparação com o estado em que encontrava no início da nossa conversa. Respondeu-me baixinho “Não, não é preciso chamar ninguém!”. Voltei então a perguntar-lhe a mesma coisa e a ouvir igual resposta.

Vivi talvez, nesta altura, o auge das minhas emoções. Deveria eu, contra a vontade da D. Maria, ir chamar um enfermeiro, deixando-a só naquele momento em que cheguei a pensar que a morte se aproximava e ainda agarrado firmemente pela sua mão. Ou deveria, por outro lado, solicitar a ajuda de alguém a tempo de melhorar a vitalidade da D. Maria.

Pensei que o momento da sua partida estava próximo. Sabia que, particularmente neste dia, ansiava desmesuradamente a visita dos dois filhos e dos netos e, eles sim, seriam quem a devia apoiar naquele momento. Que fazer?

Disse então mais algumas vezes, muito calmamente, que achava que deveríamos chamar alguém. Como sabia que a D. Maria julgava que importunava os enfermeiros sempre que tocava a campainha, disse-lhe que se fosse eu o enfermeiro, adoraria poder satisfazer todos os desejos dos doentes, e que ficaria magoado se estes não quisessem os meus cuidados e companhia. Disse ainda que não me iria embora enquanto não chegasse alguém. Foi desta forma que consegui que a D. Maria me dissesse “*Faça então o que achar melhor, menino!*”. Chamei então o Enfermeiro, transmiti-lhe os pormenores da situação, e por ele confirmei que se tratava de facto de uma metastização cerebral que, ultimamente, causava com frequência estas crises, que eram passageiras. Acompanhado pelo enfermeiro, dirigi-me de novo ao quarto 314. Mais tranquilo – ainda que pouco – reocupi a cadeira que deixara junto à cama da D. Maria e manifestei-lhe a minha presença com um carinho na face e na mão descoberta. “Já aqui estou

D. Maria, pode descansar tranquila que estou aqui a olhar por si.”.

Passados alguns minutos, talvez bastantes, comecei a verificar melhoras significativas no estado de consciência da D. Maria. O enfermeiro havia saído há algum tempo e estávamos de novo só os dois. Respirei, por fim, um pouco mais profundamente.

Durante este acompanhamento, foram diversos os atropelos de pensamentos que sacudiram o meu intelecto. Não sentirão estas pessoas a fuga da consciência, se é que existe realmente uma fuga? E os prestadores de cuidados, não deveriam eles estar presentes quando a família não pode acompanhar estas fugas e regressos de vida? Que sentirá a pessoa doente, que passando por este tipo de situação, “renasce” e não tem quem esteja presente acolhendo-a com carinho e escutando-a com todo o seu Ser? E porque não está presente a família? Que sociedade criámos nós, que tão “renitente” é em nos permitir realizar este acompanhamento? E... e se fosse a minha mãe a infeliz detentora de tamanho infortúnio?...

Quando me despedi da D. Maria, mostrei-lhe o apreço que tinha por ela e o quanto tinha gostado de a conhecer e, sem dúvida alguma, estou seguro que este sentimento foi mútuo.

As últimas palavras que ouvi da D. Maria foram: “*Que Deus lhe dê muita saúde, que bem merece!*”. Palavras que guardo ainda hoje com carinho, dentro de mim.

## Em suma

Não se pense que estas pessoas só recebem, que só estão ali para ser apoiadas. Não! Elas dão-nos muito. Potenciam o amor que temos dentro de nós. Dão-nos, por outras palavras, força para amar, através do Amor que nos dão!! Dão-nos isto e algo mais, algo que, por enquanto, é ainda para mim indescritível.

As pessoas que conhecemos e as relações que criamos... sustentam-se nos sentimentos que partilhamos! E, pela excelência dos cuidados que prestamos, que sentimentos partilhamos?